

UMA PROPOSTA DE LEITURA DO CONTO “AMOR”, DE CLARICE LISPECTOR A PARTIR DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO



<https://doi.org/10.22533/at.ed.8281325120615>

Data de aceite: 17/11/2025

Elizabete Sampaio Vieira da Silva
PPGEL/ UNEMAT

RESUMO: O presente artigo propõe uma leitura do conto “Amor”, de Clarice Lispector, à luz da Estética da Recepção, destacando o papel ativo do leitor na construção de sentidos. Com base nas teorias de Hans Robert Jauss, Wolfgang Iser e Umberto Eco, busca-se compreender como a experiência estética emerge da interação entre texto e leitor, especialmente diante da indeterminação e do silêncio característicos da escrita clariceana. A análise evidencia que o conto, ao retratar o despertar existencial de Ana, convida o leitor a atravessar o mesmo processo de desconcerto e autocompreensão. Assim, a obra literária é compreendida como espaço de diálogo, em que o leitor se torna coautor e participante da criação estética.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; Estética da Recepção; Leitor; Experiência Estética; Interpretação Literária.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A literatura, ao provocar emoções intensas e confrontar o leitor com aspectos dolorosos da experiência humana, desempenha um papel singular no desenvolvimento estético e ético da sensibilidade. Conforme assinala Nussbaum (1997), as obras literárias de maior impacto desestabilizam nossas expectativas, confrontam-nos com nossos pensamentos e intenções e, ao mesmo tempo, oferecem prazer na experiência da leitura. É nesse espaço de tensão entre estranhamento e identificação que a obra literária revela seu potencial transformador.

O conto “Amor”, de Clarice Lispector, publicado em 1960 na coletânea *Laços de Família*, exemplifica essa capacidade da literatura de mobilizar o leitor de maneira intensa e reflexiva. A narrativa acompanha Ana, mulher cuja rotina doméstica e familiar aparentemente tranquila é subitamente desestabilizada por um encontro inusitado, suscitando uma experiência de estranhamento e autopercepção. Sob a

perspectiva da Estética da Recepção, proposta por Hans Robert Jauss, a leitura não se limita à decodificação do texto, mas configura-se como um processo ativo, em que o leitor preenche lacunas, interpreta silêncios e vivencia a experiência estética da narrativa.

Dessa forma, a análise de “Amor” permite investigar como a literatura clariceana instiga o leitor a confrontar-se consigo mesmo, evidenciando que a experiência literária é simultaneamente cognitiva, emocional e transformadora.

A LITERATURA E A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

A literatura, ao longo de sua história, tem sido compreendida como um espaço de interação simbólica entre autor, obra e leitor. A partir da segunda metade do século XX, esse triângulo relacional sofreu um deslocamento significativo: o leitor, antes figura passiva diante de um texto portador de sentidos fixos, passou a ocupar o centro do processo interpretativo. Essa virada encontra fundamento na Estética da Recepção, proposta por Hans Robert Jauss e desenvolvida por Wolfgang Iser, que concebem a leitura como um ato de produção de sentido e não como simples decodificação.

Para Jauss (1994), a obra literária não possui um valor estético autônomo, pois só adquire significação plena no momento em que é recebida e interpretada. Sua teoria propõe o conceito de horizonte de expectativas, que corresponde ao conjunto de referências, normas e experiências prévias que o leitor traz para o encontro com o texto. Cada nova leitura, portanto, atualiza a obra, reconfigurando-a em diferentes contextos históricos e culturais. Assim, o valor estético de um texto não reside apenas em sua forma, mas na história de suas recepções, ou seja, na maneira como os leitores o ressignificam ao longo do tempo.

Já Wolfgang Iser (1996) amplia essa concepção ao destacar o papel da indeterminação textual. Para o autor, todo texto literário contém “lacunas” — espaços não preenchidos pela linguagem — que exigem a participação ativa do leitor. É nesse movimento de completar o não-dito que o sentido emerge, configurando o que Iser denomina ato de leitura. A leitura, portanto, não é mera reconstrução do texto, mas uma co-criação estética, em que o leitor projeta suas expectativas, afetos e experiências sobre a estrutura literária.

Em convergência com essas ideias, Umberto Eco (1971), em *A Obra Aberta*, concebe o texto artístico como um sistema dinâmico e plural, que admite múltiplas interpretações. A obra aberta não é um enigma a ser decifrado, mas um campo de possibilidades. O leitor, nesse sentido, atua como intérprete e coautor, realizando escolhas que atualizam o potencial de significação do texto. A leitura, longe de ser linear, torna-se um percurso em que o significado se constrói de forma processual.

Assim, a estética da recepção revela que ler é, ao mesmo tempo, compreender e recriar; é abrir-se à pluralidade das vozes que habitam a linguagem. Dessa forma, a literatura pode ser entendida como um espaço privilegiado de formação estética e ética.

Através dela, o leitor experimenta o deslocamento de sua perspectiva individual, projetando-se em universos simbólicos que questionam certezas e ampliam a sensibilidade. Nesse diálogo contínuo entre texto e leitor, realiza-se o verdadeiro ato literário: um movimento de recriação em que a obra renasce a cada leitura, confirmando a tese de que “a estética da recepção é, em última instância, uma estética da experiência” (Jauss, 1994).

CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO DE LAÇOS DE FAMÍLIA

O conto “Amor” foi publicado pela primeira vez em *Laços de Família* (1960), período em que o Brasil vivia intensas transformações sociais. A expansão urbana, a reconfiguração dos laços familiares e novas concepções sobre o papel da mulher na sociedade constituíam algumas dessas mudanças. Nesse cenário, Clarice Lispector voltava seu olhar para os pequenos gestos do cotidiano doméstico, transformando-os em espaços de reflexão filosófica.

A recepção crítica da obra foi marcada por contrastes. Enquanto alguns estudiosos e críticos enalteceram a inovação linguística e a profundidade psicológica das personagens, outros demonstraram estranhamento diante da ausência de enredos lineares e a prioridade dada à interioridade. A obra se destacava em um panorama literário ainda bastante influenciado pelo romance regionalista. A escrita de Clarice, caracterizada pelo fluxo de consciência, fragmentação e exploração do silêncio, exigia do leitor uma postura ativa.

“Amor” estabelece um diálogo direto com o modernismo tardio brasileiro ao quebrar a linearidade narrativa e questionar padrões sociais e literários estabelecidos.

Assim, a narrativa clariceana transcende a descrição de um episódio doméstico, configurando-se como uma narrativa que se insere no contexto de seu tempo. O conto oferece ao leitor uma leitura complexa do cotidiano, ampliando as possibilidades interpretativas e convidando à reflexão sobre os mecanismos que estruturam a vida cotidiana e a consciência individual.

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E A RUPTURA DO COTIDIANO EM “AMOR”, DE CLARICE LISPECTOR

O conto “Amor” é uma das narrativas mais emblemáticas do projeto literário de Clarice Lispector, especialmente no que diz respeito à sondagem da subjetividade e à revelação do inconsciente diante da rotina doméstica. À primeira vista, “Amor” parece uma narrativa simples, que retrata o cotidiano de Ana, dona de casa, esposa e mãe dedicada à sua família. Sua rotina limita-se aos cuidados com a arrumação do apartamento, a atenção às crianças e ao marido. Tudo parece tranquilo. A aparente serenidade de sua rotina doméstica é gradualmente revelada como um estado de conformismo e apagamento existencial. Isso é perceptível no trecho:

De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos. Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera. (Lispector, 1998, p. 21)

Neste excerto, a linguagem poética e ambígua constrói uma imagem de dissolução do sujeito na rotina — uma forma de existência diluída na repetição dos afazeres e na anulação do desejo. A protagonista se vê como parte indistinta de um mundo que ela não questiona, mas apenas alimenta silenciosamente.

Todavia, um episódio, aparentemente trivial, desencadeia uma crise de percepção e um mergulho interior que transformam o sentido de sua existência durante uma de suas idas ao mercado, um encontro com um homem cego transforma completamente sua rotina e muda sua vida: “um cego me levou ao pior de mim mesma, pensou espantada.” (Lispector, 1998, p. 27). Paulatinamente, a convicção da protagonista de que sua vida era satisfatória e plena começa a se desintegrar: “Mas o mal estava feito. [...] E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao meu redor. O mal estava feito.” (Lispector, 1998, p. 22). Ao retornar para casa após essa experiência inquietante, Ana não percebe que passou do ponto e chega ao Jardim Botânico. Ali, um turbilhão de sentimentos e sensações a envolve, e ela passa por um processo de autoconhecimento que altera profundamente sua percepção do mundo, da vida e de si mesma enquanto ser. No final, o retorno para casa se revela a única alternativa que Ana encontra para tentar apaziguar a tensão desencadeada pelo encontro com o cego. Assim, ela volta para sua casa no final do dia e retoma sua rotina habitual

A protagonista, Ana, representa o arquétipo do sujeito aprisionado nas formas rígidas do cotidiano, cuja estabilidade é subitamente rompida por um acontecimento banal: o olhar para um cego mascando chiclete em um ponto de bonde.

Sob a perspectiva da Estética da Recepção, o conto de Clarice apresenta-se como um texto de abertura e indeterminação, em que o leitor é convidado a participar ativamente da construção de sentido. A narrativa é marcada por lacunas e silêncios — como observa Iser (1996), o texto literário se realiza precisamente no espaço entre o dito e o não-dito. Clarice, ao evitar explicações psicológicas diretas, cria uma tessitura narrativa que estimula a leitura inferencial: o leitor é levado a preencher os vazios da consciência de Ana, reconstruindo, a partir de gestos e percepções fragmentadas, o processo de sua revelação interior.

O momento em que Ana observa o cego funciona como evento estético no sentido proposto por Jauss (1994) — uma quebra do horizonte de expectativas tanto da personagem quanto do leitor. O cotidiano automatizado de Ana é interrompido por uma experiência de estranhamento que a desestabiliza. O cego, símbolo daquilo que é visto e, paradoxalmente, não enxerga, espelha a própria condição da protagonista: alguém que, vivendo mecanicamente, havia se tornado cega para si mesma. A literatura, nesse ponto,

cumpra sua função formadora e transformadora, pois ao acompanhar o percurso de Ana, o leitor é igualmente interpelado a rever sua própria relação com o hábito, a alienação e o tempo.

Essa ruptura da percepção encontra correspondência na noção de “obra aberta” de Umberto Eco (1971). “Amor” não oferece uma conclusão fechada; pelo contrário, a narrativa se mantém em suspenso, como se o instante da revelação nunca se encerrasse completamente. O texto clariceano é uma estrutura de possibilidades: o leitor pode interpretá-lo como epifania, crise existencial, ou como simples devaneio momentâneo. Essa multiplicidade confirma o estatuto da obra de Clarice como arte aberta — “um convite à coautoria do leitor”, nas palavras de Eco.

Ao confrontar-se com o inesperado, a personagem passa a reinterpretar sua própria narrativa de vida. O encontro com o cego e, em seguida, a visita ao Jardim Botânico — espaço simbólico da desordem e da fertilidade — funcionam como metáforas do reconhecimento de si pela alteridade. A leitura desse percurso permite compreender a literatura como espaço de mediação entre o “eu” e o “outro”, em que o ato de interpretar o texto torna-se também um ato de autointerpretação. Nesse sentido, o leitor, ao acompanhar a travessia de Ana, é levado a experimentar o mesmo processo de inquietação e reconstrução interior.

O Jardim Botânico, lugar em que Ana se vê cercada por uma natureza excessiva, caótica e viva, representa o retorno do instinto e do inconsciente reprimido. Em contraste com o ambiente doméstico controlado, o jardim é o espaço da transgressão silenciosa — o território onde o sujeito feminino toma contato com a dimensão primitiva da existência. A desordem vegetal reflete o descontrole emocional de Ana e anuncia a impossibilidade de um retorno pleno à antiga estabilidade.

Ao final do conto, quando a protagonista retorna ao lar, o cotidiano recupera sua aparência de normalidade, mas algo permanece irremediavelmente alterado. A narrativa não oferece uma redenção, e é justamente nessa ausência de fechamento que se revela sua força estética. O leitor, inserido na lógica da Estética da Recepção, é chamado a decidir: Ana reencontrou a si mesma ou voltou a se enclausurar? Essa ambiguidade, longe de ser um defeito, constitui a essência da experiência literária — o texto permanece aberto, vibrando entre o ser e o não ser, o visível e o indizível.

Portanto, em “Amor”, Clarice Lispector não apenas representa a crise de uma mulher, mas convida o leitor a participar da experiência da consciência em desintegração. O conto realiza, assim, o ideal estético defendido por Jauss: a literatura como um evento de recepção capaz de transformar quem lê. Cada nova leitura atualiza o texto, reinscrevendo-o em novos horizontes culturais e afetivos. A narrativa clariceana, por sua natureza fragmentária e introspectiva, confirma a premissa de que o sentido literário não está dado — ele nasce do diálogo entre a palavra e o leitor, entre o texto e o olhar que o acolhe.

A CONSTRUÇÃO DA PROTAGONISTA ANA E A REPRESENTAÇÃO DO AUTOMATISMO DO SER

A protagonista Ana é construída como o arquétipo de um ser imerso em seu cotidiano doméstico. Sua rotina — cuidar da casa, atender às demandas familiares, organizar o lar — revela não apenas uma forma de conformismo, mas também a internalização das normas que limitavam a autonomia do sujeito, automatizando seu modo de existir. A aparente tranquilidade de sua vida doméstica oculta uma experiência de alienação existencial. A narrativa, ao destacar pequenos gestos cotidianos e a repetição de tarefas domésticas, constrói a percepção de uma vida regimentada, na qual o ser é continuamente moldado.

No entanto, a experiência desencadeada pelo encontro com o cego funciona não apenas como agente de interrupção da rotina, mas como figura simbólica que espelha a própria condição de Ana: ele representa a cegueira na qual a personagem está imersa, em sua vida mecanizada. A experiência com o cego é um momento que além do estranhamento, causa inquietação e uma abertura à reflexão sobre sua existência.

O PAPEL DO LEITOR E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Na leitura de “Amor”, o leitor não ocupa uma posição passiva diante do texto, mas é convocado a participar ativamente da construção de sentido. A narrativa clariceana, ao privilegiar o não dito, o silêncio e a fragmentação, demanda um leitor atento, capaz de preencher as lacunas e dar forma à experiência interior de Ana. Essa participação configura o que Hans Robert Jauss denomina “evento estético”, momento em que o texto literário se realiza por meio do diálogo com o leitor, transformando tanto o horizonte de expectativas quanto o próprio sujeito da leitura.

Ao acompanhar a travessia existencial de Ana, o leitor vivencia, de maneira reflexiva e afetiva, um processo análogo ao da personagem: é levado a questionar a aparente normalidade do cotidiano e a perceber o quanto a vida pode ser automatizada pelas repetições e pelas convenções sociais. Essa experiência de identificação e estranhamento é essencial para a estética clariceana, pois, ao desautomatizar a percepção, a literatura instaura um espaço de autoconhecimento. A leitura de Clarice Lispector é, portanto, uma experiência ética e estética, na qual compreender o texto implica também confrontar-se com a própria interioridade.

Sob essa perspectiva, o leitor de “Amor” é instigado a repensar sua relação com o real. A narrativa sugere que o cotidiano, longe de ser banal, é um território de descobertas e tensões latentes. A alienação que aprisiona Ana também se reflete no leitor, que se reconhece nas estruturas de repetição e conformismo que a autora desvela. A arte, então, assume uma função libertadora: permite romper com o automatismo da percepção e revela dimensões antes invisíveis da experiência humana.

Do ponto de vista filosófico, essa experiência estética pode ser compreendida como um movimento de ampliação da consciência. A obra de Clarice, ao problematizar a alienação e a perda de sentido da vida moderna, propõe uma reeducação do olhar — um exercício de atenção que conduz à redescoberta do sensível e do espiritual. A leitura de “Amor” convida o sujeito a uma espécie de meditação sobre o existir, na qual o ato de interpretar o texto coincide com o ato de interpretar a si mesmo.

Assim, a experiência do leitor clariceano aproxima-se daquilo que Wolfgang Iser denomina “jogo de perspectivas”, em que o texto oferece múltiplos caminhos e o leitor se torna coautor do significado. Não há uma interpretação definitiva, mas um movimento contínuo de reconstrução, que espelha o próprio processo de autoconhecimento da personagem Ana. O texto, ao permanecer aberto e ambíguo, cumpre sua função estética: provocar, inquietar e transformar.

Em última instância, o leitor, ao sair da leitura de “Amor”, não é mais o mesmo. O conto o conduz a perceber que, por trás do aparente equilíbrio da rotina, há fissuras, silêncios e abismos. Essa tomada de consciência é o ponto em que literatura e filosofia se encontram: a arte como meio de revelação da existência e a leitura como experiência de transcendência e de liberdade interior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de “Amor”, sob a luz da Estética da Recepção, evidencia a natureza dialógica da literatura e sua potência de transformação subjetiva. A narrativa de Clarice Lispector, marcada pela introspecção e pela indeterminação, exemplifica de modo singular o princípio defendido por Hans Robert Jauss: a obra literária não existe isoladamente, mas se realiza plenamente na experiência do leitor. Em cada ato de leitura, o conto é recriado, pois o leitor, como a personagem Ana, atravessa zonas de silêncio, estranhamento e descoberta.

A partir da contribuição de Wolfgang Iser, é possível compreender o texto clariceano como um território de lacunas que convidam o leitor à participação ativa. O “não dito” de Clarice — as pausas, os gestos sutis, as percepções fragmentadas — é o que permite que o sentido se construa de forma compartilhada. A leitura torna-se, assim, um exercício de imaginação e empatia, em que o leitor preenche os vazios com sua própria experiência e sensibilidade.

Em diálogo com Umberto Eco, a narrativa se configura como uma obra aberta, que resiste à interpretação única e definitiva. A multiplicidade de sentidos possíveis faz de “Amor” um texto inesgotável, sempre reatualizado por novas perspectivas de leitura. O encontro entre Ana e o cego, o mergulho no Jardim Botânico e o retorno ao lar não encerram a história, mas instauram uma circularidade de sentidos que prolonga a experiência estética para além da página.

A experiência de Ana, atravessada pela revelação e pelo desconcerto, simboliza a própria condição humana diante da instabilidade do real. Sua travessia reflete o processo de todo leitor diante da literatura — um movimento entre o conhecido e o desconhecido, entre o conforto do hábito e a vertigem do novo. É nesse espaço de tensão que a obra clariceana se torna viva, reafirmando o poder da arte de reconfigurar o sensível e provocar o pensamento.

Portanto, a leitura de “Amor” confirma a atualidade da Estética da Recepção como via de interpretação que recoloca o leitor no centro da experiência literária. Clarice Lispector, com sua escrita rarefeita e introspectiva, oferece ao leitor um espelho fragmentado no qual ele se reconhece e se estranha. A cada leitura, a narrativa se renova, pois, como afirma Jauss, “a história da literatura é também a história de sua leitura”. Assim, a obra de Clarice permanece aberta, pulsante e inacabada — viva na experiência estética que continua a despertar em cada leitor que a acolhe.

REFERÊNCIAS

BLACHOT, MAURICE. **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

_____. **Literatura para que?** Tradução de Laura Tadei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto, Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

DELEUZE, Gilles. “A literatura e a vida”. In: **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

ECO, Umberto. **Obra aberta: forma e indeterminações nas poéticas contemporâneas**. 8. ed. Tradução de Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

_____. **Perto do Coração Selvagem**. São Paulo: Círculo do livro, 1980.

NUSSBAUM, Martha. **Justicia Poética** (1995). Trad. Carlos Gardini, Santiago do Chile: Editorial Andrés Bello, 1997.